

## Sobre a fala dialogal:

convergências e divergências entre Jakubinskij, Bakhtin e Volochinov

Dóris de Arruda C. da Cunha<sup>1</sup>

**Abstract:** This article aims to discuss Lev Jakubinsky's ideas presented in his 1923 essay *On Dialogic Speech* (Brazilian translation 2015), and its convergences and divergences with the thought of Bakhtin and Voloshinov. Studies on dialogue do not come from a unique theoretical source, but they appear connected to questions of linguistic and cultural practices in Russia (ROMASHKO, 2000: 84). An important part of this research was dedicated to dialectology, that is, to the dialectic speech, conceived then as dialogic speech. However, according to Voloshinov (1992: 147), in 1929 there was only one study devoted to the dialogue in Russian linguistics, the essay *On Dialogic Speech*. Some researchers on Jakubinsky contend that this essay was a reference to Voloshinov and Bakhtin, or that it was the direct inspiration source to the former and, through it, to Bakhtinian theory. The investigation of linguistic ideas at the end of the nineteenth and beginning of the twentieth century allows us to conclude that Voloshinov and Bakhtin adopted themes, problems and notions from the burgeoning philosophy and social sciences, nevertheless transforming the *given* into the *created*.

**Keywords:** Dialogue; Jakubinsky; Bakhtin; Voloshinov.

**Resumo:** Este trabalho se propõe a discutir as ideias de Lev Jakubinskij em *Sobre a fala dialogal* (edição russa, 1923, tradução brasileira, 2015), as convergências com o pensamento de Bakhtin e Volochinov, bem como as divergências. Os estudos sobre o diálogo não têm uma origem teórica única, mas aparecem ligados aos problemas da prática linguística e cultural russas (ROMASHKO, 2000: 84). Uma parte importante dos trabalhos foi dedicada à dialetologia, ou seja, à fala dialetal, concebida como uma fala dialogal. No entanto, segundo Volochinov, (1992: 147), só existia, em 1929, uma obra, *Sobre a fala dialogal*, consagrada ao problema do diálogo na linguística russa. Alguns estudiosos de Jakubinskij consideram que esse ensaio serviu de referência para Volochinov e Bakhtin, ou foi a fonte direta de inspiração para o primeiro e através dele para a teoria bakhtiniana. O estudo das ideias linguísticas do fim do século XIX e início do século XX permite concluir que Volochinov e Bakhtin adotaram temas, problemáticas e noções da filosofia e das ciências humanas nascentes, porém transformaram o *dado* no *novo*.

**Palavras-chave:** diálogo; Jakubinskij; Bakhtin; Volochinov.

---

1 Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco, Docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco. Pesquisadora do CNPq. Coordena, sob financiamento do CNPq o Projeto 'A Construção Dialógica do 'Ponto de Vista' em gêneros midiáticos e acadêmicos. Coordenadora do Projeto 'Representação do Discurso do Outro e Discursividade Escrita – Programa CAPES- COFECUB.

Alguns estudiosos de Jakubinskij (Ageeva, 2009<sup>2</sup>; Airchambault, 2000, 2009; Brandist, 2012; Ivanova, 2000, 2003, 2011; 2015a, 2015b; Lähteenmäki, 2005; Kyeng 2003; Romashko, 2000) apontam *Sobre a fala dialogal*, escrito em 1923, como a fonte de algumas noções do pensamento de Bakhtin e Volochinov<sup>3</sup> sobre diálogo e dologismo. Mas essa posição não é unânime. Tylkowski (2013) discorda da tese de que Jakubinskij tenha sido a principal fonte da concepção de diálogo de Volochinov, argumentando que as bases teóricas dos dois autores não coincidem.

Volochinov foi aluno de Jakubinskij e cita *Sobre a fala dialogal* em notas de rodapé de *Marxismo e filosofia da linguagem*<sup>4</sup> e do artigo *A construção da enunciação*<sup>5</sup> (2012: 63), o que parece não ser o caso de Bakhtin, ao menos nas traduções brasileiras, embora a questão do diálogo seja fundamental e bastante discutida na sua obra. Lähteenmäki (2005: 52) assegura que não há referências de Bakhtin a Jakubinskij em *O discurso no romance* tal como foi publicado, objeto de seu artigo em que analisa “a natureza das possíveis influências de Jakubinskij sobre as concepções de Bakhtin”. Entretanto, ele afirma que, no sumário de *Diálogos II*, escrito em 1952, mas traduzido pela primeira vez para o português recentemente (BAKHTIN, 2016), há uma referência explícita ao artigo de Jakubinskij, *Sobre a fala dialogal*, que “claramente sugere que também foi incluída no manuscrito original, mas foi editorialmente removida da versão publicada do ensaio” (LÄHTEENMÄKI, 2005: 53).<sup>6</sup>

Considerando com Sériot (2006: 61) que “é por um método comparativo [...] que se pode iluminar um autor, uma época, em contraste com os autores contemporâneos e as teorias vizinhas”, farei uma breve apresentação do percurso acadêmico de Jakubinskij e do contexto linguístico russo, para melhor compreender sua trajetória teórica, o contexto do seu pensamento e as ideias que considero importantes para o conhecimento da teoria

2 Ageeva, Tylkowski-Ageeva ou Tylkowski são a mesma autora.

3 Não vou discutir a questão da autoria, amplamente debatida por numerosos estudiosos das obras de Bakhtin e Volochinov. Partilho o ponto de vista de Gardin (1978), Tylkowski (2012), Sériot (2015), entre outros, para os quais os textos que foram assinados por este último são de sua autoria. Por essa razão, menciono Volochinov, quando me refiro a *Marxismo e Filosofia da linguagem* no meu texto, e (Bakhtin/Volochinov), quando coloco a referência de citações.

4 Na primeira nota de rodapé de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volochinov (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995: 147) escreve: “Na literatura lingüística russa, só se encontra um estudo consagrado ao problema do diálogo: L. P. Jakubinski ‘O dialoguicheskoi rietchi’ (Sobre o Discurso Dialogado), in *Rússkaia rietch* (A Fala Russa), Petrogrado, 1923. No livro de V. Vinogradov, *Poézia Ánni Akhmátovoi* (A Poesia de Ana Akhmátova), Leningrado, 1925 (ver o capítulo “Os Gestos do Diálogo”) encontram-se observações interessantes de caráter semilingüístico e semi-estilístico. Os lingüistas alemães da escola de Vossler trabalham ativamente na atualidade sobre o diálogo; ver, especialmente, Gertraud Lerch, ‘Die uneigentliche direkte Rede’, *Festschrift für Karl Vossler* (1922)”. A segunda nota do mesmo livro remete à primeira: “Sobre as formas imediatas e mediatizadas da interação verbal, ver o artigo já citado de Jakubinski” (BAKHTIN/VOLOCHINOV (1995: 181).

5 No ensaio *A construção da enunciação*, a nota diz: “Ver artigo de L. P. Jakubinskij (um pouco difícil, é verdade, para um escritor iniciante), na coletânea *Russkaaja rech*’, I, 192, sob o título ‘O dialogicheskoi rechi’ (Do discurso dialógico) (VOLOCHINOV, 2012:163).

6 Lähteenmäki (2005:53) aponta um fato muito relevante para os estudiosos de Bakhtin: “os comentários de editoriais sobre as notas de trabalho de Bakhtin (19896) (*sic*), publicadas no volume 5 dos ‘Trabalhos Coletados’, revelam que certas passagens foram retiradas da versão do ‘Discurso no romance’, em 1975 [...]. As notas de rodapé de Bakhtin, intituladas *Diálogos II* [...] contêm o ponto de vista de Bakhtin sobre o ensaio.”

dialogica. O artigo também aponta paralelos com o pensamento de Bakhtin e Volochinov, evidenciando convergências e divergências, uma vez que muitos pesquisadores afirmam que Jakubinskij exerceu influência sobre Volochinov e, através dele, sobre Bakhtin e que o ensaio é a fonte primária da teoria do diálogo e do dialogismo na linguística russa (IVANOVA, 2015a). Tendo em vista que não leio em russo, que meus estudos se situam no âmbito da teoria dialógica e não no campo da história das ideias, vou me basear na leitura, inevitavelmente incompleta e parcial, dos estudiosos citados, com o propósito modesto de contribuir um pouco mais<sup>7</sup> para o conhecimento das ideias de Jakubinskij sobre o diálogo e o contexto epistemológico da teoria dialógica. Acrescento que, por essas razões, não vou avaliar se as ideias comuns a esses três autores decorrem de ele ter sido a principal fonte das ideias sobre o funcionamento da fala dialogal na linguística soviética.

## 1. O percurso de Lev Jakubinskij

Jakubinskij fez um trajeto heterogêneo, mas foi um homem do seu tempo, conforme a biografia do linguista ucraniano, nascido em Kiev em 1892, escrita por Ivanova (2015), da qual retomamos alguns dados. Em seus primeiros trabalhos, abordava a questão da unidade da forma e do conteúdo, os procedimentos que contribuem para a natureza poética do texto e estudava os trabalhos de teóricos da língua e literatura russos. Como estudante do Departamento de Estudos Russos e Eslavos da Faculdade de Filologia e História na Universidade de São Petersburgo, Jakubinskij, em 1911, escreveu o ensaio *Os zeros psicofonéticos no pensamento linguageiro russo*, premiado com medalha de prata e elogiado por Baudouin de Courtenay pela acuidade científica e pelo rigor do pensamento do autor (IVANOVA, 2015a). Nessa universidade, conviviam filósofos, psicólogos, físicos e sociólogos, “cientistas de orientação liberal”.

Além disso, conforme Ivanova (2015), Jakubinskij conhecia bem os trabalhos dos psicólogos alemães e russos, os fundamentos do behaviorismo, da pragmática, da psicanálise, da psicologia social e da reflexologia. Participou da OPOJAZ (Sociedade de Estudos da Linguagem Poética), tendo publicado nas suas coletâneas três artigos sobre língua poética e língua prática, citados pelos formalistas russos. Como professor do Instituto Pedagógico, a partir de 1918, deu aulas sobre a evolução da linguagem e sobre semântica. Nesse mesmo ano, organiza o Instituto da Fala Viva. De 1919 a 1923, dedicou-se também ao Ensino Médio e se tornou um membro da direção de uma escola (1918-1919); depois foi diretor de escola em Peterhof, instrutor do Departamento de Educação Popular na região de Peterhof (1920-1921); e educador em um orfanato (1921-1922).

Não obstante a diversidade de atividades profissionais, Jakubinskij continua seu trabalho sobre a linguagem poética e a linguagem prática, mantendo seus contatos com a OPOJAZ, tendo republicado seus primeiros artigos com ecos das discussões feitas pelos formalistas russos sobre a linguagem poética. Foi também colaborador científico do ILJaZV (Instituto de Estudos Comparados das Línguas e Literaturas do Ocidente e do Oriente), cujo objetivo era criar métodos precisos de análise comparada das obras da literatura mundial<sup>8</sup>.

7 Fiz a tradução do texto em francês para o português, juntamente com Suzana Leite Cortez.

8 Brandist (2012: 120-122) relata que Jakubinskij foi aluno de Shakhmatov, linguista que usou o método histórico-comparativo nos estudos dialetológicos, voltou-se posteriormente para a sociolinguística, escreveu sobre as forças centrípetas e centrífugas; e que como, outros estudiosos do Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILJaZV), Jakubinskij recorreu aos textos de Marx e Lênin.

Em 1923, Jakubinskij se torna professor na Universidade de Petrogrado e ensina linguística geral. Nesse período, ele se interessa pelo aspecto fonético da linguagem poética, por questões de sociolinguística e linguística histórica, estilística, teoria da linguagem poética.

De 1923 a 1927, deu cursos técnicos de fala, dedicou-se ao trabalho científico e pedagógico e à atividade de organização da pesquisa científica em Leningrado (denominada Petrogrado até 26 de janeiro de 1924), tendo sido um dos responsáveis pelas novas direções de investigações e exercido alguma influência.

Um de seus biógrafos observa que ele e outros alunos de Baudoin de Courtenay nunca foram “cientistas acadêmicos” propriamente ditos (LEONT’EV, 1986, p. 4-12, *apud* IVANOVA 2015a).

Na sequência, Jakubinskij estudou o estilo oratório, deu orientação pedagógica para escritores iniciantes, continuou escrevendo no campo da gramática histórica e comparada. Buscava novas perspectivas para a linguística, para ir além da problemática indo-europeia, o que o levou a colaborar com Nicolas Marr (1864-1934). Interessou-se especialmente pela semântica dos estádios e partilhou a ideia de que a evolução da sociedade leva à evolução do pensamento e, consequentemente, da linguagem. Do ponto de vista de Ivanova (2015), o entusiasmo de Jakubinskij pelo marrismo pode ter sido decorrente do seu interesse pela psicologia social e pela reflexologia que articulavam situação, pensamento e expressão verbal, bem como pela linguagem concebida como atividade e pela relação entre linguagem e sociedade feita por Marr.

Nos anos trinta, Jakubinskij continua sua atividade docente, científica e administrativa. Em 1930, publica artigos destinados a formar uma cultura linguística entre os escritores iniciantes e trabalhos de sociolinguística. Em 1931, aparece *F. de Saussure sur l'impossibilité d'une politique linguistique* (F. de Saussure sobre a impossibilidade de uma política linguística) e, em 1932, *Contre le “danilovisme”* (Contra o “danilovismo”). O primeiro “ataca Saussure de forma virulenta”, conforme Alpatov (2003: 14), e o segundo faz uma crítica a “uma das correntes da linguística marxista, no momento em que Jakubinskij se aproximou do marrismo.”<sup>9</sup> De acordo com Ivanova (2015a), naquele período, as questões de política linguística eram extremamente atuais para os linguistas soviéticos, em razão da necessidade de se criar alfabetos para as línguas não-escritas, elaborar dicionários, gramáticas e manuais, codificar línguas, ensinar a ler e a escrever a grandes massas de analfabetos, tudo isso com uma base teórica. Dessa forma, as noções de língua literária e prática eram bastante necessárias. Jakubinskij retorna à linguística histórico-comparativa, paralelamente à pesquisa sociolinguística, dedica-se à história da língua russa e se afasta gradualmente da problemática marrista no final da década. Para ele, a abordagem histórica explica a estrutura da língua atual e os fatos particulares dessa língua (JAKUBINSKIJ 1932: 51 *apud* IVANOVA, 2012). O estudo da evolução do russo, nota a pesquisadora, pode explicar o retorno do linguista para a história da língua no fim dos anos 1930. Jakubinskij morreu em 1945 com apenas 53 anos.

Até 1923, portanto, data de publicação de *Sobre a fala dialogal*, Jakubinskij, um dos fundadores do formalismo, atuou na abordagem histórico-comparativa, publicou estudos sobre fonética, linguagem poética e prática, russo antigo, processos vivos do oral, entre outros trabalhos. Essa diversidade de áreas de atuação, distantes do diálogo ou do

9 Artigo publicado numa coletânea intitulada *Contre la contrebande bourgeoise en linguistique* (Contra o contrabando burguês em linguística). Nesse momento, havia dois grupos que tentavam provar que só a sua teoria era marxista enquanto a do adversário era “mecanicista”: o de N. Marr, E. Polivanov, e L. Jakubinskij) e o grupo liderado por G. Danilov. (IVANOVA, 2012: 217-218).

dialogismo, fez com que a publicação provocasse surpresa pelo caráter inovador e pela proposta de criação de uma nova linguística (IVANOVA, 2015a).

## 2. Contexto linguístico e epistemológico russo

Embora *Sobre a fala dialogal* seja considerada uma proposta original, Jakubinskij não é um “Adão mítico”, retomando a expressão do próprio Bakhtin (2015: 51), de modo que a sua proposta traz temas analisados pelos teóricos russos, soviéticos e europeus. Retomo os autores citados na introdução<sup>10</sup>, especialmente aqueles sobre os estudos linguísticos a partir do século XIX e início do século XX: Ivanova (2000; 2003; 2005; 2009a; 2009b; 2012; 2013; 2015) e Romashko (2000), sobre as concepções e abordagens da língua quando, de acordo com Ivanova (2009a: 2), “a linguística russa se constitui enquanto ciência e em que as questões sobre a natureza da língua são profundamente debatidas pelos intelectuais”.

Nesse período, a filosofia da linguagem tem como base as relações entre linguagem e pensamento, com duas abordagens distintas: a primeira, a dos eslavófilos, se constituiu sob a influência da teologia ortodoxa, com base na ideia da origem divina da língua; e a segunda, com base numa concepção de língua retomada das ciências naturais. A primeira abordagem defendia a originalidade do desenvolvimento cultural e histórico da Rússia e rejeitava a dependência ocidental, influenciada pelo idealismo alemão e pela dialética hegeliana. A segunda se desenvolveu sob a influência de diferentes teóricos ocidentais. Na tradição ortodoxa, consoante Ivanova (2000), a língua é indissociável da razão enquanto energia criativa espiritual e do conhecimento, o que distingue o homem do animal. Por isso, língua, pensamento e processo de conhecimento são vistos como um todo de natureza dinâmica. Essa concepção está nas primeiras gramáticas do antigo eslavo bem como nas primeiras gramáticas do Russo. Para a filosofia dos eslavófilos, a língua era considerada uma forma de consciência do povo, um meio de expressão do espírito do povo, “refletindo as mudanças da vida do povo tanto quanto o processo de desenvolvimento do pensamento” (IVANOVA, 2000: 84).

Entre os linguistas “formalistas” que sofreram influência da filosofia eslavista, há uma tendência que acentua a natureza social da língua, considera que ela contribui para a socialização do homem e postula a interdependência da língua e do pensamento (FORTUNATOV *apud* IVANOVA, 2009a). Para essa corrente, a língua é um meio de identificação nacional e está vinculada à história do seu povo e a cultura, sendo, portanto, um meio de desenvolvimento mental. Segundo Ivanova (2000), em razão da popularidade dessa primeira tendência não houve na Rússia uma abordagem de gramática lógica universal, como a de Port-Royal.

A segunda tendência da filosofia da linguagem russa, de acordo com Ivanova (2009a), se constituiu com base nas teorias linguísticas de A. Potebnia e Baudoin de Courtenay. Potebnia se debruçou sobre as relações entre linguagem e pensamento, entre a palavra e a noção, entre a natureza do signo linguístico e a forma interna da palavra do ponto de vista psicológico (IVANOVA, 2009a). Chamam a atenção algumas concepções que

<sup>10</sup> Brait (2013) estudou como, no século XX, o conceito de diálogo passou a integrar os estudos da linguagem, ganhando consistência e diversidade em diferentes tendências. O propósito é mais distante do deste artigo, uma vez que ela busca localizar alguns dos marcos epistemológicos que nortearam estudos sobre enunciação, texto e discurso, fundamentados na ideia de diálogo e sua transição para *dialogismo*.

o linguista russo postulou em obra de 1862, *O pensamento e a língua*, ainda conforme Ivanova (2000): a língua como atividade e não como reflexo da concepção do mundo; o papel da percepção na constituição de uma ideia; o da língua no processo de objetivação desta última e de conhecimento, concebido como um trabalho contínuo do espírito; e a ideia da palavra como símbolo e como obra de arte. Ivanova afirma ainda que Potebnia articulou a linguística à psicologia da criatividade artística e ao estudo das artes, tendo inspirado Jakubinkij, Vygotski, Jakobson, entre outros. Partindo das ideias de Potebnja, os membros do OPOJAZ estudaram o texto literário como arte verbal, interessando-se pela língua como material da criatividade verbal, realizando assim análises literária e linguística (IVANOVA, 2013).

A noção de língua de B. de Courtenay passou de uma abordagem fisiológica para uma abordagem psíquica e sociológica. Ressalte-se que, para o autor, mesmo na primeira abordagem, a língua não pode existir independentemente do homem. Posteriormente, B. de Courtenay postula que a base da língua é psíquica e social e se interessa pela “atividade languageira” que integra os seguintes aspectos da língua: o lado externo que inclui a fonação, a audição e a percepção; e o lado interno que inclui o pensamento languageiro (IVANOVA, 2009: 91). No início do século XX, o autor distingue um componente “externo”, o fonético, ligado à fisiologia e a física; um extralinguístico composto pelas representações semânticas, que não seria objeto da linguística; e um terceiro, o morfológico que ele define como sendo propriamente linguístico, reduzindo a noção de língua à de estrutura morfológica (IVANOVA, 2009: 92). Contudo, essa abordagem estruturalista não separa o homem da língua, servindo de base para o estruturalismo e para a psicolinguística russa e soviética.

A concepção de língua como atividade languageira é retomada pelos alunos de Bau-doin de Courtenay: Lev Ščerba (1880-1944), Lev Jakubinskij (1892-1945), Evgenij Polivanov (1891-1938), Boris Larin (1893-1964); pela psicologia russa que se desenvolve especialmente nos anos 1920-1930; e pela sociologia russa, de modo que os três campos do saber – linguística, psicologia e sociologia – formavam um “espaço comum” (IVANOVA, 2009a: 8), com grande ênfase nos fatores sociais, o que condicionou a noção de abordagem funcional e de comportamento languageiro<sup>11</sup>.

Esse contexto epistemológico favoreceu os estudos do diálogo na Rússia. Ivanova (2009a) resume assim os aspectos importantes para a compreensão do ensaio *Sobre a fala dialogal* e da filosofia da linguagem russa: (1) o advento da linguística na Rússia foi associado às ciências naturais e sociais, mais especificamente à psicologia e à sociologia, de modo que as questões principais eram a natureza da linguagem, suas relações com o pensamento, o que resultou na indissociabilidade entre a língua, o homem e sua atividade. O objeto da linguística era a língua viva que estava ligada à história do povo, sua experiência, sua visão de mundo, etc. (2) A distinção entre os componentes externo e interno sem opô-los, a consideração do todo língua-fala e a rejeição da dicotomia saussuriana. (3) O estudo da relação entre língua e sujeito falante. (4) O papel da língua no desenvolvimento mental, ou seja, no pensamento.

A pesquisa de Ivanova (2003) sobre a origem dos estudos dialógicos russos apresenta semelhanças com a de Romashko (2000) e diferenças de acentuação. O pesquisador e tradutor russo atribui essa origem aos linguistas do século XIX e início do século XX, assim

11 Segundo Ivanova (2012), o interesse pelo aspecto social da linguagem ocorre simultaneamente à propagação da ideia de que a filosofia marxista devia ser o fundamento científico teórico do novo Estado socialista. A filosofia e a metodologia marxistas passaram porquanto a ser o pilar da nova linguística.



como à prática linguística e cultural russa, marcada historicamente por diglossia, a saber, a coexistência da língua eslava da igreja como “língua literária” e da língua russa falada (ROMASHKO, 2000). Ele considera que esse dualismo desencadeou a busca por uma “língua viva” como base para a língua literária, fundamentada nas ideias da filologia idealista em suas diferentes variantes, remontando ao século XIX. Uma das tendências dessa corrente era a filologia pós-romântica, que deu grande atenção aos estudos de folclore, da poesia e da linguagem popular, cuja forma radical era a já mencionada eslavofilia.

Romashko (2000) indica alguns pioneiros: primeiramente Ivanoviô Vladimir Dal’ (1801-1872), conhecido por suas atividades filológicas e por suas narrativas de estilo etnográfico. Seus *Provérbios do povo russo* (1862) e seu *Dicionário Explicativo da língua viva russa* (1863-1866) tornaram-se parte integrante do patrimônio cultural russo. Dal’ coletou arquivos enormes de conversações, atividade por ele considerada como um campo da “vida” e da língua, em oposição à língua escrita, uma língua artificial. Para o lexicógrafo e escritor russo, o diálogo era uma fonte de dados linguísticos de grande valor, um lugar onde o espírito da língua se realizava e podia se renovar. Vê-se que a visão de fala ou diálogo como natural e escrita ou monólogo como artificial, de Jakubinskij e Ščerba, como veremos mais adiante, remonta a meados do século XIX.

Em outra linha de pesquisa (Escola Filológica e Psicológica), Romashko (2000), assim como Ivanova (2000), aponta, entre os precursores dos estudos do diálogo, Potiebnjá. Romashko (2000) destaca dois aspectos relevantes do pensamento desse linguista: o desenvolvimento de uma teoria da criatividade linguística, especialmente na poesia, cuja base é a língua falada, a língua dialógica, a da conversa “ao vivo”; a necessidade de “auditores reais” no discurso real, bem como o postulado de que a conversação deve preceder a escrita e se manter presente como uma norma durante o processo da escrita para que esta última seja leve e límpida como é a “língua falada” (ROMASHKO, 2000: 86). Essa relação com o auditório, como se sabe, está presente na obra de Jakubinskij, Volochinov e de Bakhtin como será mostrado no próximo item.

Na visão de Romashko (2000), foi o desenvolvimento das pesquisas de campo, na segunda metade do século XIX, que deu lugar a uma vasta área de investigações filológica e etnográfica para o estudo da diversidade de dialetos russos. Os dialetologistas julgavam que a análise de um dialeto era não só uma investigação “técnica”, com a descrição de seus elementos e traços constitutivos, mas também da essência da língua. Nesse contexto, o diálogo passou a ser visto como um fenômeno discursivo fundamental. Romashko (2000) também cita Ščerba, que, no início do século XX, afirma que a fala de um dialeto é principalmente uma fala dialogal. Ivanova (2005: 120) considera que a tese de Ščerba “se distingue dos outros estudos dialetológicos e constitui uma nova abordagem para a linguística russa”, ampliando a noção de material linguístico para o conjunto do que é dito e compreendido numa situação e num momento específico.

É importante destacar que os trabalhos de Jakubinskij de 1916 a 1923 eram voltados para a análise fonética, tendo o linguista participado da constituição do formalismo russo, embora abordasse mais as questões linguísticas. Acrescente-se que ele se apoiava mais nas ideias de Baudoin de Courtenay do que nas de Potiebnjá, o que o afastou paulatinamente dos formalistas (IVANOVA, 2013). A concepção de língua como atividade linguageira levou Jakubinskij a pensar na interdependência entre o propósito, as condições e as formas linguísticas, e a mostrar que as variantes funcionais da língua se manifestam não só na fonética, mas também na morfologia, na sintaxe e na semântica. Na visão de Ivanova (2013), esse conjunto de ideias também o conduziram a refletir sobre a fala dia-

logal, além do fato de ele ter lido e citado Gabriel Tarde, sociólogo francês que analisou a conversação, relacionada às condições sociais que determinam a organização do diálogo em *A opinião e as massas* (IVANOVA, 2003).

*Sobre a fala dialogal*, publicado na revista *Russkaya reč'* [A língua russa], liderada por L. Ščerba (1880-1944), discute uma série de questões sobre as perspectivas de desenvolvimento da linguística, mais precisamente, de uma linguística que deveria se separar da história comparada das línguas e tratar da fala viva, isto é, da *linguagem em ação*. Muitos estudiosos (Ivanova, 2002, 2003; Airchambault, 2000; Romashko, 2000; Kyeng, 2003; Berteau, 2008) destacam o seu caráter fundador para a linguística do diálogo. O conhecimento de partes do ensaio (CUNHA, 2006) e do texto integral, apresentado e editado por Ivanova (2012), foi para mim muito instigante, em razão do caráter precursor da obra, não só em relação aos estudos dialógicos russos, mas também aos da análise da conversação, do diálogo e da interação, iniciados quarenta anos mais tarde, nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil.

### 3. Sobre a fala dialogal

O ensaio está dividido em 7 capítulos:

- I. Sobre a diversidade funcional da fala
- II. Sobre as formas do enunciado verbal
- III. Sobre a forma não mediatizada
- IV. Sobre a característica natural do diálogo e artificial do monólogo
- V. Observações sobre o diálogo em comparação com o monólogo oral e escrito
- VI. A apercepção na percepção da fala
- VII. Os estereótipos do cotidiano e o diálogo
- VIII. O diálogo e o automatismo da fala

Não vou discutir aqui cada um desses itens. Vou me deter apenas em noções de alguns capítulos presentes nas obras de Bakhtin e Volochinov.

#### I. Sobre a diversidade funcional da fala

O ensaio começa com a “tese” da diversidade funcional da fala, determinada por fatores que têm a fala como função, postulando que a atividade languageira é multiforme, seja entre línguas, seja no interior de uma mesma língua e adianta seu ponto de vista em relação à linguística:

sem levar em conta todos esses fatores e sem estudar as manifestações multiformes da fala que lhe correspondem funcionalmente, não é possível estudar uma língua como fenômeno dado diretamente à percepção viva, nem desvelar a gênese e a “história.” (JAKUBINSKIJ, 2015: 50).

Para o linguista russo, a diversidade funcional da linguagem é condicionada pela variedade do comportamento humano, que é um fato psicológico e sociológico, já que depende da vida coletiva do organismo em interação. Ele atribui a diversidade linguística inerente às línguas ao “peso dos fatores psicológicos: fala normal, anormal ou sob



influência do elemento emocional ou intelectual” (JAKUBINSKIJ, 2015: 50) que, do seu ponto de vista, não faziam parte da pesquisa em Linguística. Ivanova (2015: 16) esclarece que Jakubinskij tem um vasto conhecimento dos trabalhos de psicólogos como V. Bekhterev, A. Vvedenskij, W. James, W. Watson assim como dos fundamentos do behaviorismo, da pragmática, da psicanálise, da psicologia social e da reflexologia<sup>12</sup>. Ele explica o comportamento no diálogo com base no behaviorismo e na reflexologia, como veremos mais adiante.

Buscando abordar a questão da determinação funcional complexa da fala, Jakubinskij (2015) observa que não havia pesquisas linguísticas sobre os fenômenos linguageiros em função dos fatores responsáveis pela diversidade. Entre esses fatores, ele aponta os diferentes tipos de estados emocionais e os de natureza *sociológica*:<sup>13</sup> (1) *as condições da comunicação* em um meio (ou meios) *habitual (habituais)* e aquelas da interação em um meio (ou meios) *inabitual (inabituais)*; (2) *as formas da comunicação não mediadas ou mediatizadas, unilateral ou em alternância*; (3) *os propósitos da comunicação verbal* e do processo de enunciação<sup>14</sup>. Esses propósitos podem ser *práticos ou artísticos, indiferentes ou convincentes (sugestivos)*, e, nesse último caso, exercem uma influência *intelectual ou emocional*.

Considerando que o enunciado verbal e a comunicação verbal são determinados, do ponto de vista *psicológico e morfológico* (no sentido amplo do termo), pelas *condições da comunicação em uma situação habitual específica*, o teórico propõe, por conseguinte, como base essencial da linguística do seu tempo o estudo da linguagem em função dessas condições de comunicação.

Nesse primeiro postulado de Jakubinskij, encontram-se ideias que são comuns a Volochinov e Bakhtin e diferenças importantes do ponto de vista epistemológico: o primeiro se apoia na psicologia; Volochinov insiste na base sociológica de seus trabalhos, além de ter sido inicialmente professor de sociologia (Tylkowski, 2012; 2013); e Bakhtin tem seu pensamento alicerçado na filosofia, na sociologia, na teoria literária, na linguística, para citar apenas esses campos, em diferentes períodos. O postulado da variação<sup>15</sup>, da pluralidade, do heterodiscurso, primeira “tese” do texto de Jakubinskij, é teorizada por Bakhtin, especialmente em *O discurso no romance*, como ilustra a citação:

12 Para Kyeng (2003), os elementos pertinentes do behaviorismo já estão em Jakubinskij, como, por exemplo, o par ação-reação (no capítulo 4), análogo ao par estímulo-resposta, introduzido na linguística por Bloomfield. O que não é surpreendente, para a autora, tendo em vista que Jakubinskij foi formado pelo psicologismo de Baudouin de Courtenay além do fato de na Rússia Soviética ter sido a psicofisiologia de Pavlov, que atuou como corrente dominante da psicologia.

13 Ivanova (2015: 20) esclarece que a relação entre língua, sociedade e pensamento, em *Sobre a fala dialogal*, era comum naqueles anos em que se estabelecia na Rússia soviética uma psicologia social e uma reflexologia, nas quais a questão da articulação entre situação, pensamento e expressão verbal ocupava um lugar central.

14 Ivanova (2015: 51) dá um esclarecimento muito relevante em relação a duas noções em russo, algumas vezes interpretadas como sendo similares às das teorias enunciativas francesas: “a palavra *vyskazyvanie* refere-se tanto ao fato de um interlocutor exprimir um pensamento (traduzimos, então, por *enunciação*), quanto ao seu resultado (utilizamos, então, *enunciado*). Nos capítulos seguintes, Jakubinskij utiliza *vyskazyvanie* no sentido de ‘processo de produção de um enunciado’ (traduzimos por *ato de enunciação*). Essa tradução do termo *vyskazyvanie* por *enunciado* e *enunciação* não corresponde de maneira alguma à diferença que Benveniste faz entre esses dois termos.”

15 Volochinov não escreve sobre a variação. De acordo com Sériot (2015), diferentemente de Jakubinskij, ele não se interessou pela linguagem dos proletários, dos operários, dos camponeses, etc. Contudo, ele aborda consistentemente a pluralidade de sentidos: a polissemia, a plurivalência e a pluriacentuação da palavra bem como a plurivalência do signo, em oposição à univocidade da palavra.

em cada dado momento histórico da vida verboideológica, cada geração tem sua própria linguagem em cada camada social; ademais, toda idade tem, em essência, a sua linguagem, seu vocabulário, o seu sistema de acento específico que, por sua vez, variam dependendo da camada social, da instituição de ensino (a linguagem de alunos da escola militar, do realista e de colegiais são linguagens diferentes) e de outros fatores estratificantes. Tudo isso são linguagens sociotípicas, por mais estreito o seu círculo social (BAKHTIN, 2015: 65).

Outra ideia fundamental encontrada nos três autores russos é a da determinação da diversidade das formas linguísticas pelos fatores externos, entretanto, enquanto Jakubinskij se refere aos fatores psicológicos e sociológicos, Volochinov (1995) enfatiza os fatores sociais<sup>16</sup> como mostra o excerto a seguir: “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*” (VOLOCHINOV, 1995: 105).

Bakhtin (2015: 66-67) segue a mesma linha de pensamento:

A palavra vive fora de si, em seu direcionamento vivo para o objeto: se nos abstrairmos por completo desse direcionamento, ficaremos com o cadáver nu da palavra em nossas mãos, através do qual nada conseguiremos descobrir sobre a situação social nem sobre o destino de dada palavra. Estudar a palavra nela mesma ignorando seu direcionamento fora de si carece tanto de sentido como estudar um vivenciamento psíquico fora daquela realidade para a qual ele está voltado e na qual é determinado.”

Pode-se dizer que o ponto de partida de Jakubinskij são as formas do enunciado verbal indissociável da interação concreta na sua relação com o contexto social. Vale salientar que a noção de *propósito*, presente no ensaio de Bakhtin (2016), *Os gêneros do discurso*, foi introduzida no primeiro artigo de Jakubinskij, *Sobre os sons da linguagem versificada*, enquanto teórico do formalismo russo, para elaborar a oposição entre linguagem poética e linguagem prática (Ivanova, 2012). Em *Sobre a fala dialogal*, ele critica a linguística por não ter dado atenção à questão dos *propósitos* da enunciação verbal e anuncia a diferença da sua abordagem (de 1923) para com a do Círculo Linguístico de Moscou, que relegava a segundo plano a questão do propósito (ou como ele indica, “a funcionalidade da fala”)<sup>17</sup>. Na realidade, como se trata de um dos fatores sociológicos, responsáveis pela diversidade formal e funcional da fala, os *propósitos da comunicação verbal* são ligados ao processo de enunciação e podem ser “*práticos ou artísticos, indiferentes ou convincentes (sugestivos)*, e, nesse último caso, exercem uma influência *intelectual ou emocional*” (JAKUBINSKIJ, 2015: 51).

16 Tylkowski (2012) mostra o contexto epistemológico de Volochinov, por meio da análise dos autores citados no conjunto de sua obra e dos que não são citados, mas que ela considera que faziam parte da “biblioteca virtual” dele. A pesquisadora revela, em função das noções e dos temas abordados por Volochinov, os autores que ele pode ter lido para elaborar seus trabalhos.

17 A noção de propósito bem como a de função introduzidas por Jakubinskij não é a mesma para os diferentes teóricos formalistas. Segundo Ivanova (2012: 4-5), a noção de propósito *intencional*, proposta por Šklovskij por exemplo, visava à criação da obra artística e gerava dificuldades de forma para evitar a percepção automática da linguagem prática. Nos artigos anteriores, Jakubinskij opõe linguagem poética e linguagem prática com base no propósito e no princípio de atenção, a primeira dava grande importância aos aspectos sonoros e a segunda, que tem como propósito a comunicação, aos aspectos semânticos. Nos quatro artigos de Jakubinskij anteriores a *Sobre a fala dialogal*, analisados por Ivanova (2012), ele se dedica às especificidades das linguagens prática e poética e às relações entre *objetivos* da atividade linguageira, *forma linguística* e *situação*. Ivanova (2012) afirma que a análise de fatos linguageiros leva Jakubinskij a privilegiar a língua prática e seu funcionamento.

O que impressiona é que Jakubinskij estava em um contexto em que uma parte dos linguistas era estruturalista<sup>18</sup> e a questão da diversidade é de certa forma incompatível com a análise da língua postulada por Saussure e por seus seguidores. Segundo Ageeva (2009: 73), a teoria de Saussure provocou debates: de um lado, grande entusiasmo, principalmente dos linguistas de Moscou e, de outro, muitas críticas e rejeição pelos de Leningrado, por ser “abstrata”<sup>19</sup>. Os linguistas de Moscou conheceram as concepções de Saussure em 1918, quando foram apresentadas por S.O. Karcevskij à comissão dialetológica da Academia das Ciências em Moscou. Os linguistas de Petrogrado tomaram conhecimento das ideias do linguista suíço por S. Bernštejn, em 1923, numa comunicação à seção de linguística do Instituto de Estudos Comparados das Línguas e das Literaturas do Oeste e do Leste (ILJaZV). Já de acordo com Depretto (2007), a tradução do *Curso de linguística geral (CLG)*, feita em 1922 por Alexandre Romm, mas não autorizada por Bally e Sechaye para publicação, circulava e fazia parte das discussões do CLM, havendo registro de uma sessão dedicada à obra em 03 de março de 1923. Depretto revela ainda que há menções ao CLG em resenhas, artigos e comunicações dos membros do CLM. Archaimbault (2010) também assinala que o CGL era lido e debatido de forma bastante crítica na Rússia dos anos 1920: alguns julgavam que a distinção língua e fala era bastante produtiva; outros, que a articulação dos dois níveis não era suficientemente pensada, que o processo da fala viva era primordial e não tinha sido tratado adequadamente ou havia sido desprezado. O fato é que, no início do século XX, para muitos autores russos a ciência a combater era o positivismo, e nas ciências da linguagem, em todos os países da Europa, em graus diversos, havia uma reação antipositivista (Sériot, 2015).

Isso posto, Jakubinskij passa a discutir outras distinções: dos *meios de informação* nas diferentes variantes e de *monólogo* e *diálogo* como fenômenos *verbais*.

## II. Sobre as formas do enunciado verbal

### III. Sobre a forma não mediatizada

De forma bem didática, o professor Jakubinskij indica três categorias: a forma monológica mediatizada que corresponde à escrita; a forma monológica não mediatizada, como por exemplo, “uma alocução no momento de uma reunião ou no tribunal (JAKUBINSKIJ, 2015: 64); e a *forma dialogal não mediatizada das interações humanas*

troca rápida e desorganizada sobre a vida cotidiana ou no trabalho: troca rápida de falas, na qual cada elemento que compõe a troca constitui uma réplica, sendo cada réplica altamente condicionada pela outra; a troca que se desenvolve sem qualquer reflexão prévia; os participantes não estabelecem previamente qualquer tipo de finalidade específica; não há uma ordem prévia na construção das réplicas, que são extremamente curtas. (JAKUBINSKIJ, 2015: 64)

18 Lembro que Volochinov (1992: 77) cita os colegas russos que se situavam na linha de Saussure: “Schor nele [no livro *Linguagem e Sociedade*] faz uma apologia das ideias fundamentais de Saussure, como também no artigo já citado ‘A Crise da Linguística Contemporânea’. Vinogradov se situa também como um êmulo da escola de Genebra. Duas escolas linguísticas russas, a escola de Fortunátov e a de Kazan (Kruchevski e Baudouin de Courtenay), que constituem uma expressão brilhante do formalismo em linguística, inserem-se perfeitamente no quadro da segunda orientação [objetivismo abstrato] tal como a esboçamos.”

19 Aspas da autora.

O pioneirismo de Jakubinskij na proposta de análise do diálogo se revela também no peso dado à percepção *visual e auditiva do interlocutor* da linguagem não-verbal, ou seja, às *expressões, gestos, movimentos do corpo* que podem desempenhar o papel de *réplica* no diálogo, substituindo, a expressão verbal. “Frequentemente uma réplica por meio de mímicas dá a resposta antes mesmo da réplica verbal” (JAKUBINSKIJ, 2015: 68).

Acrescente-se a ênfase dada ao peso semântico da *entonação*:

do mesmo modo que uma frase pode ter um sentido diferente em função da entonação com a qual ela é pronunciada, um acompanhamento mímico (e gestual) pode dar à fala outra nuance, muitas vezes, contrária àquilo que se espera habitualmente (JAKUBINSKIJ, 2015: 69).

Para mostrar o papel da entonação, o linguista cita o trecho do *Diário de um escritor* de Dostoiévski (que posteriormente é citado por Volochinov e Vygotski). Esse é realmente um elemento da maior importância na teoria dialógica. Volochinov mostra o papel fundamental da entoação expressiva e dos gestos já nos seus primeiros artigos. Em *Palavra na vida e a palavra na poesia*, ele postula que é a situação extraverbal que dá origem e sentido ao discurso, bem como aos juízos e valorações. Esse contexto extraverbal da enunciação é constituído pelo *contexto espacial compartilhado*; pelo *conhecimento e a compreensão comum da situação*, também compartilhado pelos interlocutores; e pela valoração compartilhada pelos dois (VOLOCHINOV, 2013: 78). Ele aponta os dois componentes da enunciação: a parte verbal e a subentendida, sendo nesta última que se observam as valorações comuns, expressas pela entonação. Como Jakubinskij, Volochinov (2013: 81) sustenta que a “a entoação estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal — a entoação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais”. Essa entoação expressiva, na maioria das vezes é determinada pela situação imediata e frequentemente por circunstâncias efêmeras. “Ela ameaça, se indigna, ou bem ama e acaricia os objetos e fenômenos inanimados ” (VOLOCHINOV, 2013: 84). É a entonação que revela o acento de valor, lembrando que para o autor não existe enunciação sem *orientação apreciativa*. Volochinov (2013) propõe também que os gestos (mímicas e gestos do rosto) têm um parentesco com a entonação, ou seja, o mesmo peso semântico nas interações dialogais que esta última e os elementos verbais.

Para Bakhtin, a entonação expressiva é constitutiva do sentido e está associada ao componente axiológico da linguagem, já nos seus primeiros textos filosóficos e estéticos. Em *Para uma filosofia do ato*, o ato é vinculado à entonação: “o tom emotivo volitivo é um momento imprescindível do ato, inclusive do pensamento mais abstrato, enquanto meu pensamento realmente pensado [...]” (BAKHTIN, 2010: 86). Ela é igualmente constitutiva da enunciação estética, como mostra o trecho a seguir, de *O problema do conteúdo, do material e da forma*, publicado em 1924:

Por aspecto entonacional da palavra compreendemos a sua capacidade de exprimir toda a multiplicidade das relações axiológicas do indivíduo falante como o conteúdo do enunciado (no plano psicológico a multiplicidade das ações emocionais e volitivas do falante). [...] A atividade do autor torna-se a atividade de uma avaliação expressa, que matiza todos os aspectos da palavra: a palavra invectiva, acaricia, é indiferente, denigre, decora, etc. (Bakhtin, 1993: 64-65)

Em *Os gêneros do discurso*, um ensaio “linguístico”, Bakhtin postula que

o segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. (BAKHTIN 2016: 47).

Desse modo, entonação, gestos e mímicas são constitutivos do enunciado verbal para os três autores. Não obstante, no caso de Jakubinskij, a reflexão concerne ao diálogo enquanto Volochinov e Bakhtin olham muito além, e atribuem à entonação o papel de desvelar a orientação apreciativa e o caráter axiológico da linguagem respectivamente.

#### IV O caráter natural do diálogo e artificial do monólogo

##### V Observações sobre o diálogo em comparação com o monólogo oral e escrito

A oposição entre diálogo e monólogo é desenvolvida em dois capítulos centrais do ensaio, revelando a importância para a “teoria do diálogo” de Jakubinskij. Ele retoma o estudo de seu professor L. V. Ščerba sobre *O dialeto sorábio oriental*, no qual este último destacou a relevância de se distinguir as formas dialogal e monologal para a análise dos fenômenos linguageiros. Ščerba (*apud* JAKUBINSKIJ 2015) mostrou que havia um grupo linguístico que *não conhecia o monólogo*, sendo, por isso, em grande medida, uma forma de linguagem artificial. Dessa forma, a verdadeira linguagem se revela no diálogo, lugar onde as novas palavras, frases e formas são produzidas, lugar em que os fatores de evolução linguística atuam. Ainda segundo Ščerba, o monólogo é a dimensão normativa da linguagem, enquanto o diálogo tem uma força dinâmica de inovação, de modo que os linguistas e sobretudo os dialetologistas não podiam prescindir de uma “teoria’ do diálogo e do monólogo” (JAKUBINSKIJ, 2015: 75).

A partir dessa tese, Jakubinskij insiste na necessidade de se estudar a forma dialogal como *universal*, uma vez que não existe interação verbal sem diálogo. Vê-se que diálogo e interação são inseparáveis, sendo esta última necessariamente *inter-ação*, bilateral e dialógica (JAKUBINSKIJ, 2015: 76). Contudo, como foi dito, a noção de interação de Jakubinskij está ligada à psicologia, à biologia e à reflexologia. Ele destaca três elementos importantes nesse processo: a característica habitual do organismo de reagir a cada ação orientada a um interlocutor; a ligação entre nossas representações, nossos julgamentos, nossas emoções, etc., em reação a algo e as suas manifestações na fala; e, o poder que uma ação *verbal* tem de provocar uma reação *verbal* que, além disso, tem, com frequência, uma característica quase reflexiva. Os três elementos estão vinculados à visão de ação e reação de pensamentos e de emoções, tanto no diálogo como na escrita. Jakubinskij mostra a dificuldade de se aprender a escutar sem interromper, por meio de exemplos, dentre os quais, ele aponta o que ocorre em reuniões e assembleias, onde é comum se ouvir vozes na sala, e as reações do pensamento, em voz alta ou por escrito, quando anotamos, sublinhamos etc., durante o processo de leitura.

Apesar de questionar a terminologia natural e artificial para o diálogo e o monólogo, de Ščerba, Jakubinskij pondera que essa dicotomia é convencional. Para ele, o diálogo é um fenômeno da “cultura” e da “natureza” (JAKUBINSKIJ, 2015: 79).

A descrição do funcionamento da fala dialogal feita por ele tem pontos em comum com os estudos conversacionais, como mencionado: o diálogo se caracteriza pelo *fenômeno das réplicas* alternadas na forma de *sucessão* (um “começa” depois que o outro “termina”), de *interrupção*, de modo que toda atividade de fala é inacabada. Chama a

atenção que o autor tenha observado os seguintes aspectos: a importância dos encadeamentos entre as réplicas e não só das formas linguísticas que as constituem; as pausas; o caráter *original* das réplicas, determinada pela precedente do interlocutor e por um elemento da enunciação *global* do locutor; o ritmo rápido das conversas espontâneas, caracterizando-as como simples em oposição ao monólogo.

Aqui também a semelhança da descrição de Jakubinskij com a proposta de Volochinov é visível. Em *A construção da enunciação*, texto escrito em 1930, Volochinov (2013: 158) anuncia no início: “a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações”. Nesse ensaio, há um item (2) sobre “o discurso monológico e o discurso dialógico”, em que Volochinov (2013: 163) insiste na relação entre interação e diálogo: “pode-se dizer que qualquer comunicação, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de *intercâmbio de enunciações*, isto é, sob a forma do *diálogo*”. Retomando a proposta de Ščerba e de Jakubinskij, Volochinov (2013: 163) propõe que o diálogo face a face representa a forma mais natural da linguagem, definindo-o como “uma conversação recíproca entre duas pessoas, diferentemente do monólogo, isto é, do discurso prolongado de uma só pessoa”, que só existe na forma externa, pois a construção semântica e estilística é dialógica. Acrescenta um item sobre a dialogicidade da linguagem interior, afirmando “decidida e categoricamente, que mesmo essas intervenções verbais íntimas são totalmente dialógicas” (VOLOCHINOV, 2013: 163).

Não se pode esquecer, pois é um dos textos mais citados do linguista russo, que “a interação verbal constitui [...] a realidade fundamental da língua” (VOLOCHINOV, 1995: 123). Ademais, a noção de diálogo é um dos pilares para muitas teses de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (publicado em 1929) no sentido estrito e no sentido amplo<sup>20</sup>: a compreensão é uma forma de *diálogo*; os parágrafos são análogos às réplicas do diálogo; o discurso citado é uma forma de diálogo. Vale lembrar que, para Volochinov (1995), a investigação das formas de citação no discurso ia contribuir com o estudo do diálogo, que começava a chamar a atenção dos linguistas e se tornava, algumas vezes, o centro das preocupações em linguística<sup>21</sup>.

Quanto a Bakhtin, “a categoria do diálogo tem prevalência em seu pensamento” (Paulo Bezerra: 2003: XI). Não se pode esquecer que ele concebe a relação entre *o autor e a personagem* a partir da noção de interação: “nesse sentido podemos dizer que a interação que se exerce entre o autor e o herói, dentro de uma obra concreta, considerada isoladamente, constitui um acontecimento em vários atos” (Bakhtin, 2003: 171). Mais tarde, em *Os gêneros do discurso*, ele retoma a ideia de que a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro.

Bakhtin formula propostas para o estudo do discurso em *Problemas da poética de Dostoiévski* e em *O discurso no romance*, ambos fundamentados numa concepção dialógica inerente ao discurso: “a orientação dialógica é, evidentemente, um fenômeno próprio a qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo” (BAKHTIN, 2015: 51). Ele analisa especialmente a interação entre vozes nas suas obras. Como Jakubinskij (2015), para quem a réplica do diálogo é ao mesmo tempo determinada pela anterior do interlocutor e um pensamento global, uma estratégia geral do locutor, Bakhtin (1997)

20 Nunca é demais lembrar que Volochinov (1995: 123) concebe que o diálogo não é apenas a comunicação em voz alta de duas pessoas numa situação face a face, mas “toda comunicação verbal de qualquer forma que seja”, inclusive o ato de fala sob a forma de livro que responde, refuta, confirma, etc., funcionando como a réplica de um diálogo.

21 É aqui que aparece a referência a Jakubinskij, citada na nota de rodapé 3.



argumenta que o discurso no diálogo, no *skaz*, na estilização é voltado para o objeto do discurso e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro*.

Apesar de Jakubinskij lançar elementos para se pensar numa teoria dos gêneros no capítulo 7, a caracterização do diálogo espontâneo e do monólogo escrito pode ser comparada à dicotomia linguagem prática e linguagem poética, e não à diversidade de gêneros primários (vinculados à situação e não à fala) e secundários, (gêneros complexos, resultante da transmutação dos primários) (Bakhtin, 2016).

## VI. Apercepção na percepção da fala

Jakubinskij discute uma questão da maior importância na perspectiva dos estudos da linguagem, relacionada ao processo de interpretação. Trata-se da *massa aperceptiva* do ouvinte, uma noção usada na Rússia no século XIX e início do século XX (ARCHAIM-BAULT, 2010) e por Jakubinskij, no sentido de “conjunto das experiências e saberes anteriores necessários à compreensão e à interpretação de uma ação ou de um enunciado” (JAKUBINSKIJ, 2015: 88).

Essa noção é inseparável da de compreensão da fala de outrem, que como a percepção é *aperceptiva*. Didaticamente, Jakubinskij (2015: 89) introduz vários exemplos para “comprovar” que o processo de interpretação é baseado nas “ideias, emoções e desejos, que, por diferentes razões, predominam no nosso psiquismo em dado momento (de maneira expressa ou dissimulada pela consciência)”. Assim, o autor observa que

há uma maior compreensão do discurso do locutor pelo interlocutor, quando há muito em comum nas massas aperceptivas de ambos, o que proporciona um maior uso de alusões e de enunciados incompletos. Inversamente, quanto menos as massas aperceptivas tiverem em comum, maior a dificuldade de intercompreensão (JAKUBINSKIJ, 2015: 97)

Além disso, Jakubinskij (2015) evidencia a importância do caráter aperceptivo da percepção para a composição do diálogo e do monólogo. Neste último, o locutor não tem possibilidade de descobrir as reações do leitor o que ele faz e onde. No diálogo, se houver uma convergência de massa aperceptiva, a composição verbal do enunciado simplifica-se: cada réplica reforça essa comunidade e contém um menor número de palavras.

Bakhtin (2015: 54) usa a noção de fundo aperceptivo e campo aperceptivo, no capítulo do ensaio *O discurso no romance*, quando discute a questão do sentido atual do enunciado e a sua interpretação ativa na perspectiva dialógica, em contraposição ao significado linguístico e a interpretação passiva, que não é para ele uma compreensão. Para o autor, “o sentido atual (de um enunciado) é interpretado no campo de outros enunciados concretos sobre o mesmo tema, no campo de opiniões, pontos de vista e de avaliações dispersa” (BAKHTIN, 2015: 54). No momento em que desenvolve a concepção de interpretação ativa, ele acrescenta que o falante constrói sua enunciação em território alheio, no campo aperceptivo do ouvinte.

Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016) volta a destacar a relevância da noção:

ao falar, sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado (BAKHTIN, 2016: 63-64).

Volochinov (1995) parece não usar a noção nas traduções brasileiras, mas pode-se dizer que ela está presente nos seus escritos, e, de forma mais evidente, em *A palavra na vida e a palavra na poesia*, escrito em 1926. Quando discute os três aspectos do contexto extraverbal, o linguista russo aponta “o conhecimento e a compreensão comum da situação”, compartilhados pelos falantes (VOLOCHINOV, 2013: 78), que juntamente com o horizonte espacial e a valoração compartilhadas pelos interlocutores permitem compreender o sentido global de um enunciado concreto.

É possível fazer um paralelo entre a noção de massa ou campo aperceptivo com a de *conhecimentos partilhados, pano de fundo, background*, usadas nos estudos da enunciação, do discurso, do texto e do diálogo na linguística ocidental. Não cabe no espaço desse artigo discutir as noções em abordagens atuais, mas mencionarei, a título de exemplo, o ponto de vista de François (2015) para quem o processo de compreensão de um texto ocorre em função de vários fatores: nossa capacidade de apreendê-lo como movimento e não como sucessão de frases; a diversidade de *pano de fundo*<sup>22</sup>, o estilo de apreensão no que se refere ao outro e a especificidade do background parcialmente partilhado a partir do qual nossa compreensão é responsiva.

## VII. Os estereótipos do cotidiano e o diálogo

Jakubinskij aponta a existência dos estereótipos do cotidiano e dos estereótipos da fala. Trata-se de um elemento chave da comunicação verbal, que determina a percepção da fala e, por conseguinte, o próprio processo da fala. Ele associa as situações aos tipos de enunciados e dá exemplos de falas estereotipadas em situação de compra do jornal, na conversa entre vizinhas ao voltar do mercado e em situações da vida privada, que são *portadoras de informação*. Nossa vida cotidiana é repleta de *situações repetidas e estereotipadas*, que geram frases estereotipadas:

Em razão do uso constante numa mesma situação da vida cotidiana, essas frases tornam-se ‘petrificadas’, transformam-se em um tipo de ‘estereótipos sintáticos complexos’. A segmentação da frase ‘apaga-se’ de maneira significativa, e o locutor ‘praticamente não a decompõe’ em seus elementos constituintes. A reprodução, o emprego de tal frase é apenas a reprodução de um estereótipo habitual, que pode ser comparado à reprodução de uma palavra habitual ou de uma “locução”. [...] Pensei, entretanto, que era necessário indicar esse caso, na medida em que esse tipo de frase estereotipada aparece no diálogo quando a fala se desenvolve nas condições dos estereótipos da vida cotidiana (Jakubinskij, 2015: 104).

Considero com alguns estudiosos que essa associação de situações de enunciação e frases estereotipadas tem pontos em comum com a noção de gênero proposta por Volochinov e por Bakhtin. Volochinov (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995: 42) refere-se a *diferentes modos de discurso*, formas de interação verbal estreitamente vinculadas às condições de uma situação social. Ele cita as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc.

No artigo *A construção da enunciação*, Volochinov (2013) afirma que cada tipo de intercâmbio comunicativo [...] organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gra-

22 Em francês, a noção elaborada por Frédéric François é *arrière-fond*, cuja tradução literal é pano de fundo, e que pode ser definida como o conjunto de competências e experiências responsáveis pela compreensão ou interpretação ativa dos elementos verbais e não verbais. Essa noção parece análoga a de massa ou campo aperceptivo.

matical e estilística da enunciação, sua estrutura tipo, que chamamos a partir daqui de *gênero*. A relação situação, gênero e tema, são o ponto de partida de Bakhtin na formulação dos gêneros do discurso.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia e ampliando-se à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (BAKHTIN, 2016: 12).

## Considerações finais

*Sobre a fala dialogal* desenvolve dialogicamente questões e tendências dos estudos filológicos, dialetológicos, linguísticos e literários russos do fim do século XIX e início do século XX. Ele está inserido no debate do seu tempo, surgindo em resposta a algumas vozes e fazendo eco a outras. Não obstante, o ensaio parece pioneiro elegendo como objeto da linguística o diálogo, incluindo as condições externas que o condicionam.

Nessa obra, Jakubinskij coloca o diálogo como elemento principal da atividade linguageira, descreve os fatores que determinam sua produção e sua percepção-recepção, ou seja, considera os aspectos externo e interno, psicológico e social, articula a diversidade das atividades linguageiras à do material linguístico; faz opção pela língua viva, ligada à história, inseparável da fala; descreve o funcionamento do diálogo e do monólogo, dos enunciados estereotipados ligados à interações estereotipadas da vida cotidiana, entre outros temas.

Ao longo do artigo, procurei situar os pontos de vista Jakubinskij e evidenciar algumas convergências e divergências entre as suas propostas, as de Bakhtin e as de Volochinov. Não vou retomar aqui cada uma delas. Gostaria de ressaltar que destaquei as que me parecem mais relevantes, uma vez que seria muito difícil mostrar todas as noções que foram elaboradas na teoria dialógica a partir da noção de diálogo. Volochinov e Bakhtin adotaram temas, problemáticas e noções da filosofia e das ciências humanas nascentes, ou seja, do contexto epistemológico russo e alemão do início do século XX, onde a interdisciplinaridade fazia parte do espírito da época. Porém, eles assimilaram o *dado* e o transformaram no *novo*, de acordo com seus interesses, suas questões, seus valores, seus conhecimentos enciclopédicos, etc. (não sendo possível fazer uma lista fechada). As diferenças e as singularidades podem, portanto, serem atribuídas ao peso das principais fontes teóricas de cada um: da psicologia para Jakubinskij; da sociologia (marxista e não marxista) para Volochinov; e da filosofia, da teoria e da história literária, da sociologia, da linguística (em diferentes períodos) para Bakhtin.

Para encerrar, retomo uma informação de Romashko (2000) que ilustra a questão da determinação da atividade linguageira pelas condições de comunicação: com a introdução do stalinismo, diz ele, o diálogo desapareceu; conseqüentemente, as pesquisas dialógicas foram reduzidas.

## Referências

AGEEVA, Inna, La critique de F. de Saussure dans Marxisme et philosophie du langage de V.N. Vološinov et le contexte de la réception des idées saussuriennes dans les années

- 1920-1930 en Russie. *Cahiers de l'ILSL*, n° 26, 2009, pp. 73-84
- ALPATOV, Wladimir M. La linguistique marxiste en URSS dans les années 1920-1930. *Cahiers de l'ILSL*, N°14, 2003, pp. 5-22.
- ARCHAIMBAUT, Sylvie, Aperception et dialogue chez Lev Jakubinskij (1892-1945). *[Revue d'Histoire des Sciences Humaines]*, 2009/2 - n° 21 pages 69 à 82.
- \_\_\_\_\_. Un texte fondateur pour l'étude du dialogue : De la parole dialogale (L. Jakubinskij). *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 22, fascicule 1, 2000. pp. 99-115.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de Estética e de literatura*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993, p. 13-70.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2a ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 476p.
- \_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 155p.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do romance I. A estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, 256p.
- \_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016, 176p.
- \_\_\_\_\_. Diálogos II. In: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016, 125-170.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1995, 196p.
- BERTAUI, Marie-Cécile, Le vécu de la langue dans la forme et la voix. Une approche avec Iakoubinski et Volochinov. *Slavica Occitania*, 25, 2007, p. 417-435.
- BEZERRA, Paulo. Introdução. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. IX-XII.
- BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, 181 p.
- BRAIT, Beth, Tradição, permanência e subversão de conceitos nos Estudos da linguagem, *Revista da Anpoll* n° 34, 2013, p. 91-121.
- CUNHA, Dóris de Arruda C. Dialogismo em Bakhtin e Iakubinskii. *Investigações: Lingüística e Teoria Literária*. Vol. 18, no. 2, 2005, p. 103-114.
- DEPRETTO, Catherine. Alexandre Romm (1898-1943), lecteur du *Marxisme et philosophie du langage*. *Slavica Occitania*, 25, 2007, p. 399-416.
- GARDIN, Bernard. Volochinov ou Bakhtine. *La Pensée* 197, 1978, p. 87-100.
- IVANOVA, Irina. Spécificités de l'étude du dialogue dans la linguistique russe. *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 22, fascicule 1, 2000, p. 117-129.
- \_\_\_\_\_. Les sources de la conception du dialogue chez L. Jakubinskij », *Texto! Textes & Cultures*, 2003, vol. VIII, № 4 ([http://www.revue-texto.net/Inedits/Ivanova\\_Jakubinskij.html](http://www.revue-texto.net/Inedits/Ivanova_Jakubinskij.html))
- \_\_\_\_\_. *Un dialecte sorabe oriental* de Ščerba, premier essai de linguistique de la parole. *Slavica occitania*, Toulouse: 20, 2005, p. 113-129.
- \_\_\_\_\_. La notion de “langue” dans la linguistique russe (deuxième moitié du XIXe - début du XXe siècle). *Etudes de Lettres*, n°4, 2009a, p. 81-100.
- \_\_\_\_\_. L'opposition « langue poétique / langue pratique » dans la conception linguistique de Lev Jakubinskij. *Cahiers de l'ILSL*, N° 26, 2009b, pp. 113-128.
- \_\_\_\_\_. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Tradução Dóris de Arruda C. da Cunha e Heber Costa e Silva. *Bakhtiniana*, 6 (1): 239-267, Ago./Dez. 2011.
- \_\_\_\_\_. Le problème de la nature de la langue et du langage chez les formalistes russes. *Cahiers de l'ILSL*, № 37, 2013, p. 213-228.

- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: Lev Jakubinskij *Sobre a fala dialogal*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015a, p 7-28.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. In: Lev Jakubinskij *Sobre a fala dialogal*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015b, p 20-43.
- JAKUBINSKIJ Lev, *Sobre a fala dialogal*. Textos editados e apresentados por Irina Ivanova. Tradução Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, 123 p.
- JAKUBINSKIJ Lev, *Une linguistique de la parole (URSS, 1920-1930)*. Textes édités et présentés par Irina Ivanova, traductions Irina Ivanova et Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2012, 332 p.
- KYHENG Rossitza Aux origines du principe dialogique. L'étude de Jakubinskij : une présentation critique aux origines du principe dialogique. *Texto! Textes & Cultures*, 2003, vol. VIII, Nº 4. [http://www.revue-texto.net/Inedits/Kyheng/Kyheng\\_Jakubinskij.html](http://www.revue-texto.net/Inedits/Kyheng/Kyheng_Jakubinskij.html)
- LÄHTEENMÄKI, Mika. Estratificação social da linguagem no “Discurso no romance”: o contexto soviético oculto. In ZANDWAIS, Ana (org.) *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005, p. 41-58.
- ROMASHKO Sergej A. Vers l'analyse du dialogue en Russie. In: *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 22, fascicule 1, 2000, p. 83-98. doi : 10.3406/hel.2000.2767 [http://www.persee.fr/doc/hel\\_0750-8069\\_2000\\_num\\_22\\_1\\_2767](http://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2000_num_22_1_2767)
- SÉRIOT, Patrick, Bakhtin no contexto: diálogo de vozes e hibridação das línguas (o problema dos limites). In ZANDWAIS, Ana (org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005, p. 59-72.
- \_\_\_\_\_. Vološinov e a filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2015, 127 p.
- TYLKOWSKYI, Inna. *V.N. Vološinov em contexte*. Essai d'épistémologie historique. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.
- \_\_\_\_\_. Les conceptions du dialogue et leurs sources chez Lev Jakubinskij et Valentin Vološinov. *Cahiers de l'ILSL*, Nº 37, 2013, p. 171-185.
- VOLOCHINOV, V.N. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica (1926). In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 71-100.
- \_\_\_\_\_. A construção da enunciação (1930). In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 157-188.
- ZANDWAIS, Ana (org), *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.
- \_\_\_\_\_. *História das ideias*. Diálogos entre linguagem, cultura e história. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2012, 312 p.